

Constituinte estadual, crise

PAULO DE TARSO COSTA

Diante de mais uma manobra do governador Orestes Quércia para esvaziar os grupos de Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso em São Paulo, a Assembléia corre o risco de ter um duplo comando no ano que vem: o da mesa diretora da Casa e o da mesa da Constituinte. E desde já começa a se abrir nova crise no Legislativo.

"Dentro de cinco dias da promulgação desta Constituição, as assembleias legislativas elegerão, na forma do seu regimento interno, a mesa que dirigirá os trabalhos constituintes." É esta a proposta, aparentemente singela, apresentada pelo deputado federal Manoel Moreira, um histórico quercista de Campinas. E prontamente absorvida no Projeto Cabral II: parágrafo único, do artigo 99, do título IX, das Disposições Transitórias.

Quando alguns parlamentares se aperceberam e foram reclamar com relator, Bernardo Cabral chegou a se espantar com tantas queixas, revelando que a iniciativa partira justamente do governo de São Paulo.

Mesmo que esse dispositivo não passe, Quércia já atingiu em cheio o presidente da Assembléia, deputado Luís Máximo, e toda a esquerda do PMDB, representada pelos grupos de Covas e Fernando Henrique no Legislativo, que somam quinze deputados.

Com isso, enquanto de um lado

2000 8 2
muita gente vem perdendo o sono, de outro, ninguém quer falar muito do assunto. Ou por estar a margem deste processo, como o PT e alguns deputados de oposição, que ainda não se alinharam com o governo, ou por estar articulando alguma vantagem na virada, como os peemedebistas do auto-denominado Grupo Independente, que reúne dez parlamentares, incluindo três flutuantes — que ora estão à esquerda, ora com os independentes. O Grupo dos Novos, que ainda mantém um bloco de 11 peemedebistas, assiste a tudo e procura se preservar.

"Isso não passa, vai ser rejeitado", esbravejava Luís Máximo, promotor público aposentado, legalista e regimentalista em excesso, dizem os próprios companheiros, sem jogo algum de cintura com o governo, embora do mesmo partido, que sonhava dirigir a Constituinte paulista desde a sua campanha para a Presidência do Legislativo.

"Em Brasília havia duas Câmaras — Senado e Câmara dos Deputados — e, por isso, tiveram de eleger uma mesa específica para Constituinte", tenta explicar. "Aqui já temos uma mesa constituída e não irão querer mais uma mesa só para a Constituinte estadual. Com duas mesas funcionando ao mesmo tempo, isso só dará confusão. Agora, se o Quércia está fazendo isso para me peltar aqui no Legislativo, que venha. Vai ver o que é bom", explode irritado o presidente, pedindo off em

seguida. "Esqueça tudo isso. Não vamos tocar nisso", pede ele. Mas já na entrada, fora avisado que seria uma entrevista e não uma conversa em off.

Enquanto isso, o nome mais cotado para presidente da Mesa da Constituinte vem sendo o do deputado Luís Carlos Santos, da chamada ala dos independentes, ligado ao governador José Aparecido, do Distrito Federal, e ao prefeito Jânio Quadros. Mesmo porque já é presidente do grupo de trabalho Pró-Constituinte da Assembléia.

Mas Luís Carlos, que também nem quer tocar nisso, vem avisando todo mundo que não se interessa. Acalenta um sonho bem malor: o de voltar à presidência da Assembléia no outro biênio, no lugar de Máximo, a quem sempre se opôs, e substituir Quércia no último ano de governo.

Quércia dificilmente engolirá Luís Carlos na presidência da Assembléia, diante do seu apolo a outro candidato na última eleição para o governo do Estado. Dando preferência a alguém que seja de sua inteira confiança, restaria ainda a esse deputado uma vice-presidência. De qualquer forma, seria uma grande compensação. Quando chegasse o momento das desincompatibilizações, passando o futuro presidente a substituir Quércia no governo, Luís Carlos ficaria no seu lugar, garantindo, mais uma vez, sua reeleição, através da farta máquina do Legislativo, que estaria de novo em suas mãos.